

## ABRIL / 2016

### **INTERNACIONAL**

Em seu relatório denominado “Perspectiva Econômica Mundial”, divulgado na primeira quinzena do mês, o FMI estimou que o crescimento global, em 2016 será de 3,2% e não mais de 3,4%, conforme a estimativa de janeiro. Para 2017, também reduziu a expectativa para um crescimento de 3,5% e não mais de 3,6%.

### **EUROPA**

A agência Eurostat divulgou que o PIB da zona do Euro cresceu 0,6% no primeiro trimestre de 2016, em relação ao anterior e 1,6% na base anual, retornando ao nível anterior à crise de 2008. Entretanto, a inflação foi de -0,2%, em abril, apesar de todas as medidas de estímulos monetários já adotadas. Assim, o Banco Central Europeu decidiu manter a taxa básica de juros em 0% e a taxa para depósitos bancários em -0,4%.

### **EUA**

Também nos EUA foi divulgado que o PIB do primeiro trimestre do ano cresceu 0,5%, em base anualizada, com os gastos dos consumidores avançando 1,9%. Em reunião no final do mês, o FED, ainda cauteloso em relação à economia europeia e mundial, mesmo que confiante em relação à economia local, decidiu manter a taxa básica de juros inalterada, entre 0,25% e 0,50% ao ano.

### **ÁSIA**

Na China, a atividade econômica cresceu 1,1% no primeiro trimestre, em relação ao anterior e 6,7%, em termos anuais. Embora tenha sido o ritmo mais lento desde 2010, o avanço ficou dentro da meta estabelecida pelo governo. Já no Japão, o banco central decidiu não expandir os estímulos monetários já adotados, mas deixou uma porta aberta para o futuro.

### **MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL**

No mês de abril, podemos destacar a continuidade da desvalorização do dólar perante outras moedas, uma boa alta de certas commodities, como o petróleo e um resultado misto dos principais índices de ações globais.

Com a manutenção dos juros nos EUA, os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento ao redor de 1,72% ao ano no final de março, terminaram abril com um rendimento de 1,76% ao ano. Paralelamente, o dólar continuou se enfraquecendo e se desvalorizou 1% perante o euro e 5,04% perante

## Panorama Econômico

De acordo com o indicador de atividade do Banco Central, o IBC-Br, a economia brasileira registrou, em fevereiro, o décimo segundo mês consecutivo de retração. Desta vez, a queda foi de 0,29% no mês, e 4,75% em doze meses.

Também em fevereiro, a produção industrial recuou 2,5%, acumulando no ano uma queda de 11,8%. Por seu turno, as vendas no varejo aumentaram 1,2% no mês, mas acumulam baixa de 5,3% em doze meses.

Já a taxa de desemprego, medida através da Pnad Contínua, alcançou 10,9% no trimestre encerrado em março. O número de pessoas desocupadas registrou 11,1 milhões.

### SETOR PÚBLICO

O setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 10,6 bilhões em março. No ano, o déficit acumulado foi de R\$ 5,8 bilhões, e em doze meses de R\$ 136 bilhões (2,28% do PIB).

As despesas com juros nominais, em doze meses, totalizaram R\$ 443,3 bilhões (7,44% do PIB). Já o déficit nominal, que inclui o resultado com os juros, foi de R\$ 579,3 bilhões (9,73% do PIB), também em doze meses.

A dívida bruta do governo geral (governo federal mais INSS mais governos regionais) alcançou R\$ 4 trilhões (67,3% do PIB), reduzindo-se em 0,4 pontos percentuais em relação ao mês anterior. Ainda em março, já descontada a inflação, a arrecadação do governo federal com impostos caiu 6,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior, acumulando queda de 8,19% no trimestre.

### INFLAÇÃO

Graças aos avanços nos preços dos alimentos e dos remédios, principalmente, o IPCA fechou o mês de abril subindo 0,61%, acima das previsões dos analistas do mercado. No ano acumulou alta de 3,25%, e em doze meses de 9,28%. O índice de difusão da inflação, divulgado pelo Valor Econômico foi de 66,8%, frente a 69,4% no mês anterior.

Já o INPC subiu 0,64% em abril, acumulando um avanço de 3,58% no ano e de 9,83% em doze meses.

### JUROS

Em reunião realizada no final de abril, o Comitê de Política Monetária do Banco Central – COPOM decidiu, por unanimidade, manter inalterada a taxa Selic em 14,25% ao ano. E na ata da reunião, afastou a possibilidade de redução da taxa enquanto a inflação não der sinais de rumar para o centro da meta de 4,5%.

### CÂMBIO E SETOR EXTERNO

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800 encerrou o mês de abril cotada a R\$ 3,4508, com uma desvalorização de 3,04% no mês, acumulando uma desvalorização de 11,63% no ano e uma valorização de

## Panorama Econômico

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês acabou sendo o do IDkA 20A (IPCA) com 9,25% de alta, seguido do IMA-B 5+, com avanço de 5,37%, e do IRF-M 1+, com 4,80%. No ano o melhor desempenho acumulado até março foi do IDkA 20A (IPCA) com 33,60%, seguido do IMA-B 5+ com 18,66% e do IRF-M 1+ com alta de 16,65%.

### **RENDA VARIÁVEL**

Para o Ibovespa, foi outro mês de forte alta, com uma valorização de 7,70%, acumulando em 2016 uma alta de 24,36%.

Teve presença firme no mercado o investidor estrangeiro, que foi responsável por um ingresso líquido de R\$ 2,9 bilhões para a compra de ações, elevando o acumulado no ano para R\$ 13,5 bilhões.

### **PERSPECTIVAS**

#### **MERCADO INTERNACIONAL**

Para o FMI, a economia da zona do euro deverá crescer 1,5% em 2016 e 1,6% em 2017, a dos EUA, 2,4% em 2016 e 2,5% em 2017, e a da China 6,5% neste ano e 6,2% no próximo. Enquanto na zona do euro, o BCE aguarda os resultados dos estímulos amplificados para definir os próximos passos, o FED deixou aberta a possibilidade de novos aumentos dos juros, em sua reunião de junho, caso, até lá, os dados macroeconômicos continuem a evoluir a contento. Por seu turno, a China parece ter encontrado certa estabilidade em seu crescimento e por enquanto, deixou de ser foco das preocupações do mercado.

#### **MERCADO NACIONAL**

Também no mês de maio, com a votação do impeachment no Senado, que poderá implicar no afastamento da presidente por 180 dias até o julgamento final, os fatos políticos continuarão tendo maior destaque do que os fatos econômicos, e assim influenciando os ativos, tanto de renda fixa quanto de renda variável.

As principais dúvidas do mercado passarão, então, a repousar na equipe a ser formada pelo presidente interino e na movimentação das forças políticas no sentido da recuperação do país.

As incertezas ainda continuarão sendo enormes.

Como os mercados continuaram a antecipar uma série de fatos, inclusive a possibilidade de redução da taxa Selic, a sua confirmação pode não trazer ganhos adicionais para os ativos de renda fixa e variável. No entanto, a não confirmação deles pode reverter todos os ganhos recentemente obtidos.

## Panorama Econômico

devida cautela, e respeitados os limites das políticas de investimentos, recomendamos avaliar investimentos nestes segmentos.

Na renda variável, recomendamos uma exposição de no máximo 20%, já incluídas alocações em fundos imobiliários - FIIs e fundos em participação –FIPs. Embora não haja melhora nos fundamentos econômicos que justifique elevar ainda mais o risco da carteira, e mesmo com as altas recentes, o investimento em ações deve ser avaliado com maior atenção, na medida em que ainda existe a possibilidade de importantes ganhos quando as apostas mais otimistas puderem se materializar. Disso continua se aproveitando o investidor estrangeiro, em detrimento do investidor institucional local. Uma estratégia que contemple o investimento gradativo e contínuo, feito tanto nos movimentos de alta quanto de baixa, aproveitando-se as janelas de oportunidades que se apresentem e visando a obtenção de resultado no longo prazo, não deve ser desprezada.

